

A articulação de orações adverbiais com *em vez de* e *ao invés de*

The articulation of adverbial clauses with *instead of* and *rather than*

La articulación de cláusulas adverbiales con *en lugar de* y *en vez de*

Leandro Freitas da Horta

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)

leandrohorta@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0009-8014-041X>

Nilza Barrozo Dias

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)

nilzabarrozodias@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0003-3521-508X>

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de investigação acerca da construção adverbial substitutiva com os conectores *em vez de* e *ao invés de* em ocorrências do português brasileiro, moçambicano e angolano. A partir dos eventos descritos na oração principal e na oração adverbial, observa-se que a oração adverbial aponta para o evento que não ocorrerá e a oração principal para o evento que o substituirá. A análise é de base funcional-discursiva, cuja pesquisa se embasa em notícias de jornais e revistas do século XXI, utilizando análise qualitativa e quantitativa. Das 543 ocorrências analisadas, verificou-se que a forma *em vez de* é mais recorrente do que *ao invés de*, correspondendo a 73,66% do total. Embora apresentem certa similaridade, os resultados revelam traços distintivos e marcantes quanto à posição das orações e ao valor semântico-discursivo atribuído a cada uma, ainda que ambas partam da noção de substituição.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo; Articulação de orações; Substituição.



ABSTRACT

*This article presents research results on the adverbial construction of substitution with the connectors *em vez de* (instead of), *e ao invés de* (instead of), in occurrences in Brazilian, Mozambican, and Angolan Portuguese. Based on the events described in the main clause and the adverbial clause, it is observed that the adverbial clause points to the event that will not occur, and the main clause to the event that will replace it. The analysis is based on a functional-discursive approach, with research grounded in news articles from 21st-century newspapers and magazines, using both qualitative and quantitative analysis. Of the 543 occurrences analyzed, it was found that the form *em vez de* (instead of), is more recurrent than *ao invés de*, (instead of), corresponding to 73.66% of the total. Although they present some similarity, the results reveal distinctive and striking features regarding the position of the clauses and the semantic-discursive value attributed to each one, even though both stem from the notion of substitution.*

KEYWORDS: *Functionalism; Sentence articulation; Substitution.*

RESUMEN

*Este artículo presenta los resultados de una investigación sobre la construcción adverbial de sustitución con los conectores *em vez de* (en lugar de) y *ao invés de* (en lugar de) en portugués brasileño, mozambiqueño y angoleño. A partir de los eventos descritos en la oración principal y la adverbial, se observa que esta última señala el evento que no ocurrirá, mientras que la principal señala el evento que la reemplazará. El análisis se basa en un enfoque funcional-discursivo, recurriendo a noticias de periódicos y revistas del siglo XXI y empleando análisis tanto cualitativos como cuantitativos. De las 543 ocurrencias analizadas, se encontró que la forma *em vez de* (en lugar de) es más recurrente que *ao invés de* (en lugar de), representando el 73,66 % del total. Si bien presentan cierta similitud, los resultados revelan rasgos distintivos y notables en cuanto a la posición de las cláusulas y el valor semántico-discursivo atribuido a cada una, aunque ambas parten de la noción de sustitución.*

PALABRAS CLAVE: *Funcionalismo; Articulación de la oración; Sustitución.*

1 Introdução

A presente pesquisa parte do interesse em compreender os modos de articulação entre orações adverbiais, especialmente aquelas que expressam o valor semântico de substituição, como ocorre nas construções com *em vez de* e *ao invés de*, unidades complexas que exibem propriedades próprias de forma e função. A oração adverbial substitutiva indicará o evento que não se realizará e a oração principal aquele que de fato ocorrerá.

Essa abordagem ancora-se nos Modelos Baseados no Uso, apontando para a análise funcional-discursiva, que considera o conhecimento linguístico

emergente, construído a partir das experiências comunicativas concretas, sendo a gramática um sistema simbólico, moldado pela cognição e pela frequência de uso. (Castilho, 2010; Neves, 2011; Langacker, 1987; Bybee, 2016; e Croft, 2001). Ao adotar esse enquadramento, o trabalho busca integrar aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos, enfatizando o papel do uso efetivo na formação e manutenção das construções linguísticas.

Tal escolha permite, portanto, uma opção teórico-metodológica que reconheça essas expressões que emergem do uso e se estabilizam no sistema linguístico em virtude de padrões cognitivos e sociais compartilhados, o que permite observar a língua em movimento, revelando como fatores cognitivos, culturais e discursivos interagem na constituição das orações adverbiais no português contemporâneo.

No que tange ao estudo de articulação de orações, cabe a investigação de como ocorre o processo de conexão dessas unidades sintáticas. O interesse deste estudo, nesse sentido, diz respeito à noção de dependência, haja vista o aspecto formal e como as unidades estruturais das construções se comportam, quando interconectadas, como os verbos são correspondentes em cada uma, além do conector, que, nesse caso, exerce um papel de tamanha importância para esse tipo de abordagem. Define-se desse modo que *em vez de* e *ao invés de* são conectores que introduzem orações hipotáticas adverbiais substitutivas no português contemporâneo, vinculadas à rede substitutiva.

As questões norteadoras quanto à construção com *em vez de* e *ao invés de* **de concentram**-se em: (a) as construções são formadas por duas orações, sendo que uma anula/nega a outra e a oração principal as substitui? (b) são conceptualizadas por eventos de uma mesma cena?; e (c) as posições das substitutivas apontam para a classificação como hipotática adverbial?

O texto se apresenta do seguinte modo: temos a introdução, seguida de considerações sobre a hipotaxe adverbial e a construção substitutiva; em seguida, examinamos os conectores *em vez de* e *ao invés de*, apontando suas origens que levaram ao processo de mudança; propomos os procedimentos metodológicos e instanciamos o comportamento dos conectores na análise de dados; e, por fim, encerramos com as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 Construção hipotática adverbial: o realce substitutivo

Parataxe e hipotaxe, segundo Halliday (1985), representam as relações lógicas nas línguas naturais. Parataxe por serem segmentos de igual *status*; o

primeiro e o segundo segmento são livres, cada um podendo funcionar como uma informação completa, numa ordem simétrica ou assimétrica. Hipotaxe apresenta segmentos de estatuto diferente, sendo que a adverbial instancia uma relação de dependência semântica em relação à oração principal, nas posições anteposta, intercalada e posposta. Dentre a ampla gama de diferentes relações lógico-semânticas, temos aquela entre segmentos primário e secundário. Mas há a possibilidade de agrupá-los em dois grupos: expansão e projeção. Na expansão, o segmento secundário expande o primário por elaboração, extensão e realce. Os usos de *em vez de* e *ao invés de* se mostram, na versão hipotática, como *expansão por realce*, o que implica a qualificação e o embelezamento do evento expresso na oração principal, avaliando-o quanto às circunstâncias adverbiais de tempo, lugar, etc.

A posição da hipotática é relevante para o estudo, uma vez que a posição inicial, a de tópico sentencial, aponta para aquilo que se pretende enunciar de fato na oração seguinte; o estudo de tópico mostra o quanto a informação importante é acionada a partir da leitura que emerge do realce no caso das substitutivas.

A língua é dinâmica, acompanha a evolução da sociedade, as passagens históricas e as adaptações culturais de determinada nação. É nesse viés que se delimita que temos uma construção em que a forma e o significado formam uma nova unidade (Langacker, 1987) ou de um *chunk* (Bybee, 2016). Ou seja, as novas unidades não são vistas pelas suas partes que originalmente a compõem, mas pelo todo que forma um novo sentido, o de substituição, e expande a rede de conexão de orações adverbiais com a hipotática adverbial substitutiva.

3 Construção substitutiva

Como se pode observar, uma construção constitui sempre uma unidade simbólica que associa forma e significado, relação essencial para a compreensão do funcionamento linguístico. É justamente a partir desse pareamento que se delimitam critérios e categorias nos diferentes níveis de investigação — morfológico, sintático, semântico e discursivo. Cada construção, portanto, reflete um ponto de encontro entre padrões formais e funções comunicativas, evidenciando que a língua não é apenas um sistema de regras abstratas, mas um conjunto dinâmico de associações motivadas pelo uso. Desse modo, o estudo das construções permite compreender como os falantes internalizam, reproduzem e transformam os modelos linguísticos,

dando origem à diversidade e à mudança observadas no português contemporâneo. Assim, os Modelos Baseados no Uso se tornam relevantes, ao conceberem a língua como um sistema que emerge da experiência comunicativa e se organiza, a partir das regularidades observadas no uso efetivo, permitindo compreender as construções gramaticais em sua dimensão funcional, cognitiva e social.

Assim, ao se considerar que as construções linguísticas se formam e se consolidam a partir de padrões de uso recorrentes, torna-se possível observar que elas não são entidades isoladas, mas expressões que carregam um valor simbólico próprio. Cada construção cristaliza, em sua configuração formal, um modo particular de conceptualizar relações entre elementos do discurso, o que envolve tanto aspectos sintáticos e semânticos quanto motivações pragmáticas e cognitivas. Assim, compreender uma construção implica reconhecer o vínculo entre sua estrutura formal e as funções que desempenham nos contextos efetivos de comunicação, permitindo identificar como se dá a emergência e a fixação de determinados esquemas linguísticos no sistema da língua.

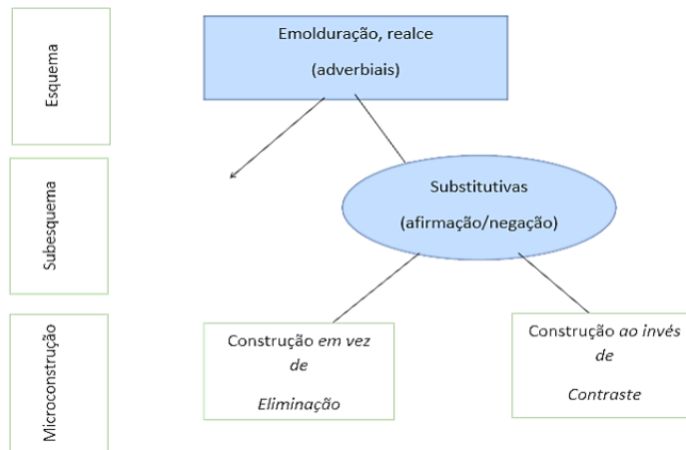
Logo, compreende-se que cada palavra integrante da construção possui um significado próprio na língua, mas o efeito da combinação entre elas — aliado ao contexto de uso em que o falante está inserido — gera novas interpretações e amplia o potencial expressivo da forma. Desse modo, é possível afirmar que há uma reinterpretação semântica das unidades que compõem *em vez de* e *ao invés de*, configurando um processo de *chunking*, por meio do qual emerge o significado de substituição. Esse processo coloca a expressão na categoria dos conectores adverbiais substitutivos nas variedades do português contemporâneo. Os conectores, finalizados pela preposição *de*, cumprem sua função articuladora, ao vincular-se ao infinitivo, e, por conseguinte, ao discurso, no qual o sujeito reaparece em diferentes momentos, dada a relevância dessa informação para a progressão textual (Horta, 2021). No nível oracional, observa-se ainda que esses conectores se vinculam a um verbo, o qual expressa o evento ou a ação referida na construção — frequentemente na forma nominalizada ou infinitiva —, consolidando a função substitutiva característica da rede.

De acordo com Croft (2001), uma construção é entendida como o pareamento convencionalizado entre forma e significado, cuja unidade linguística emerge do uso e reflete tanto fatores gramaticais quanto cognitivo-discursivos. Assim, a construção substitutiva (com *em vez de* e *ao invés de*) pode ser descrita a partir da interação entre suas propriedades formais — que

configuram sua estrutura sintática e morfológica — e suas propriedades de significado, responsáveis pelo valor semântico e pragmático atribuído a seu uso.

A seguir, apresenta-se uma amostra da rede construcional que conecta as duas expressões analisadas. A abordagem construcional, nesse sentido, revela-se fundamental para compreender como *em vez de* e *ao invés de* se articulam dentro do sistema linguístico e, embora compartilhem traços formais e funcionais que as aproximam, manifestam também particularidades semântico-pragmáticas que as distinguem. Essa relação de proximidade e contraste é justamente o que se busca evidenciar ao longo deste estudo.

Quadro 1: Esquema das substitutivas



Fonte: Horta (2021)

Ambas as construções hipotáticas se apresentam na rede da substituição, no entanto, cada qual com suas particularidades semânticas, motivadas por questões estruturais e cognitivas. Por exemplo, o contraste é mais recorrente com o uso de *ao invés de*. A substituição, conforme Thompson (2007) e Decat (2001), é considerada como hipotática, por ela servir ao propósito discursivo de realçar, embelezar a informação a qual se agrega, que é o evento central, ou seja, a oração principal; e também pela função de tópico sentencial, quando na aposição anteposta (Halliday (1984).

4 Sobre *em vez de* e *ao invés de*

O *em vez de*, por exemplo, é composto por preposições que circundam um substantivo nuclear, formando uma unidade sintática que atua como conector substitutivo. O substantivo nuclear, geralmente um nome concreto ou abstrato, representa um elemento ou evento específico que será substituído ou contrastado no discurso. Por exemplo, na frase “Ela tomou chá em vez de café”, o substantivo “café” funciona como o núcleo da construção, recebendo a relação de oposição indicada pelas preposições “em vez de”.

Semântica e discursivamente, a construção faz parte do *frame*¹ de alternativa, escolha ou oposição entre eventos ou entidades. Além disso, a estrutura pode receber modificadores, como adjetivos ou quantificadores, sem alterar sua função substitutiva: “*em vez do velho café*” mantém o papel de contraste entre elementos.

Como se observa, as preposições constituem um ponto central para a compreensão do significado de *em vez de* e *ao invés de*. Segundo Neves (2011), as preposições funcionam como palavras introdutoras de argumentos, ou seja, são responsáveis por estabelecer relações entre um núcleo e os elementos que o complementam, acrescentando informações de natureza sintática e semântica. Nesse sentido, reafirmam-se os valores das unidades que compõem a construção: em *em vez de*, a preposição *em* remete à ideia de lugar ou posição; e em *ao invés de*, a preposição *a* remete à ideia de ser um elemento relevante para que a oposição ocorra, como, por exemplo, preferir x a z, não se opta por z, mas faz-se menção para que mais à frente a proposição possa ser negada. Em ambas o substantivo *vez* evoca a noção de momento ou ocasião.

¹ O *frame*, ao pé da letra “moldura” ou “enquadramento”, é um conceito central da Linguística Cognitiva que descreve a capacidade humana de organizar uma cena, situação ou evento a partir do input linguístico recebido. Quando um falante entra em contato com uma expressão linguística, essa expressão aciona estruturas de conhecimento previamente armazenadas na memória, permitindo que ele compreenda o significado de forma integrada. Assim, ao acionarmos a palavra *escola*, por exemplo, ativamos automaticamente um conjunto de elementos relacionados a esse cenário: professor, aluno, diretoria, funcionários, secretaria, merenda, sala de aula, quadra, rotina escolar, normas, avaliações etc. Esses elementos não estão na palavra em si, mas fazem parte do conhecimento enciclopédico que o falante mobiliza para interpretá-la. Dessa forma, o *frame* pode ser entendido como o conjunto estruturado de conhecimentos que utilizamos para interpretar e dar significado ao mundo. Ele fornece o pano de fundo conceitual que sustenta o sentido das palavras e das experiências, sendo essencial para a construção e organização do conhecimento. Como propõe Fillmore (1982), compreender o significado de uma unidade linguística pressupõe compreender toda a estrutura conceitual — o *frame* — na qual essa unidade se insere.

Para Castilho (2012), as preposições, por serem palavras invariáveis, constituem o sintagma preposicional e exercem diferentes funções. A função sintática aproxima as preposições das conjunções, ainda que entre elas existam distinções estruturais e funcionais relevantes. Castilho (2012) também observa que parte da tradição gramatical as considera como unidades vazias de sentido; contudo, o autor refuta essa visão ao demonstrar que cada preposição possui um sentido-base, geralmente associado à localização espacial ou temporal, o qual orienta suas extensões de significado.

4.1 A mudança da construção: de locução a conector de orações

A mudança linguística é um fenômeno presente em *em vez de* e *ao invés de*, porque, antes chamadas de locuções prepositivas, passaram pelo processo de gramaticalização, tornando-se um *chunk* ou uma unidade linguística, com uma nova função no português em uso, o que depende também de fatores sociais e de fatores cognitivos, conforme Bybee (2016, p.174).

Com base na perspectiva da autora, podemos dizer que as locuções prepositivas passaram a fazer parte da categoria dos conectores adverbiais, ao marcarem a função de realce substitutiva na relação entre os eventos, ou seja, o conector ocorre na oração que denota aquilo que não deve ser considerado, não deve acontecer, enquanto que o evento a ser considerado, que deverá acontecer, ocorrerá na forma de oração principal. A proposta de categorização mostra a tendência humana em categorizar por associação e reconhecimento de unidades por traços comuns. Ao usarmos mais a anteposição na forma de tópico sentencial, estamos considerando que o uso se mostra mais próximo das hipotáticas adverbiais (Halliday, 1985), já que é uma característica de tais orações a função de tópico sentencial, como ocorre, por exemplo, nas condicionais.

5 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos para esta pesquisa têm como base o funcionalismo linguístico, citados acima, (Thompson, 2007; Paul Hopper, 1991; Givón, 1990), a partir de coleta e quantificação dos dados, bem como análises de cunho qualitativo e quantitativo, levando em conta aspectos da língua em uso — o contexto e o discurso, por exemplo. A gramaticalidade das construções com “em vez de” e “ao invés de”, isto é, a capacidade de mudança de categoria — de locução prepositiva a conector de orações hipotáticas —

embasou-se nas propriedades estruturais, cognitivas, sendo destacada a frequência de uso.

Foram selecionados para análise o modo como o valor de substituição se configura, além do valor semântico de contraste a ser percebido em alguns dados; a posição das hipotáticas adverbiais (anteposta, medial e posposta) foi outro fator interessante a se olhar, uma vez que a partir da ideia de mobilidade, pode-se notar o quanto essas construções são de fato consagradas como hipotáticas adverbiais, conforme atestam Halliday (1985) e Decat (2001); e a presença forte de verbo no infinitivo da hipotática levou-nos à tentativa incessante de recuperação anafórica do sujeito.

Os dados foram extraídos do Corpus do Português, da seção NOW, com o recorte de 2012 a 2019 e com cerca no total de 1,1 mil milhões de palavras, em língua portuguesa. Foi escolhido o período de 6 meses, de janeiro a junho do ano de 2018, assim foi possível uma análise sincrônica em um período de tempo curto. Além disso, escolheu-se o gênero notícia de jornal e revista, o que nos levou a perceber que a maioria dos textos tende à normatização, ou seja, ao registro formal, até porque se trata de textos escritos. No Brasil, os jornais e revistas escolhidos foram Jornal O Globo, Folha de São Paulo, Jornal Extra, Estado de Minas, Gazeta Online e Veja.com. — Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, as metrópoles. Em Angola e Moçambique, temos uma pequena quantidade de amostras disponíveis, mas as construções com *em vez de* e *ao invés de* apresentam o mesmo comportamento nos corpora investigados no Brasil, embora haja diferenças na incorporação de dimensões culturais e sociais que contribuem para uma compreensão mais abrangente do fenômeno linguístico.

6 A Análise de Dados

Nesta seção, serão analisados os dados referentes às ocorrências das construções com *em vez de* e *ao invés de*, de modo a verificar como esses conectores se comportam no português contemporâneo. Examinaremos primeiro a construção com *em vez de* e, a seguir, a construção com *ao invés de*.

- (1) Ajudar a eleger alguém envolve o risco de ser também responsável pelo mandato, que pode, [*em vez de melhorar, piorar a situação do país*]. Exemplos recentes # 26% foi o total de votos nulos e brancos em a eleição suplementar para governador do Tocantins, em 24. jun # 35% dos eleitores no estado se abstiveram e nem compareceram a as urnas # 16% de as pessoas que votaram para prefeito de São Paulo em 2016

anularam ou votaram em branco, alta de 30% em relação a 2012.
<https://www.corpusdoportugues.org/folha.uol.com.br/poder/2018/07/eleitores-que-nao-pretendem-votar-em-ninguem-se-dizem-desiludidos-com-a-politica.shtml>)

Inicialmente, vale um recorte da construção substitutiva em análise: Ajudar a eleger alguém envolve o risco de ser também responsável pelo mandato, que pode, em vez de melhorar, piorar a situação do país. Nesse sentido, é possível observar a anteposição da oração substitutiva com *em vez de*, o que a coloca na posição de tópico sentencial, a posição mais importante, já que se pretende chamar a atenção, de fato, para o aspecto daquilo que realmente deveria acontecer; no entanto, há menção àquilo de ruim que poderia surgir diante de toda situação trabalhada no contexto da declaração, instanciada pela oração principal.

Os verbos estão correlacionados a partir do infinitivo e isso evidencia os eventos que são nesse caso contrastivos – “melhorar” x “piorar”; não parece, então, ser determinante que a oposição de ideias apareça apenas diante do conector mais contrastivo, o *ao invés de*. De acordo com os dados, pode-se checar que há ocorrências de oposição com *em vez de*, embora de fato a maior recorrência seja com *ao invés de*; a única diferença, que parece ser, portanto, notória, é o fato de os eventos no primeiro caso (em vez de) aparecerem dentro de um mesmo *frame*, nesse caso, a eleição. Essa realidade muda bastante, quando se analisa a construção substitutiva com *ao invés de*.

(2) Como é difícil assumir que erramos, que podemos ter falhas. Como é difícil ouvir uma orientação, vestir a carapuça e saber que aquele conselho serve para você, não para o outro. # Estamos sempre aprendendo. E reconhecer um erro é muito importante para o nosso desenvolvimento emocional e profissional. # [Mas em vez de gastar energia com o reconhecimento dos erros e com uma importante aprendizagem, muitas pessoas preferem sofrer para encontrar justificativa para uma falha]. [Ficam amarguradas / em vez de assumir e pedir desculpas pelo erro]. # Quem decide agir eventualmente pode errar, é claro. Só quebra copos quem lava copos.
<https://www.corpusdoportugues.org/folha.uol.com.br/colunas/a-merico-jose/2018/06/quem-erra-no-trabalho-deveria-ficar-orgulhoso-por-ter-agido.shtml>)

A construção substitutiva em análise, entre parênteses, se encontra inserida em um contexto de contraste. A oração com *em vez de* instancia o evento que não ocorrerá, pois será substituído pelo evento que lhe sucede, na forma de oração principal. A função de tópico da adverbial substitutiva– não

reconhecem os próprios erros como ferramenta de aprendizagem- permite que o usuário comente, de modo crítico, o que as pessoas de fato fazem, preferem sofrer para poderem justificar as próprias falhas. O sujeito sintático da substitutiva pode ser recuperado da oração principal.

Nessa configuração, observa-se que *x* (intenção do enunciador) ocupa o lugar de *y* (aquilo que efetivamente ocorre), instaurando uma relação de substituição semântica. Tal relação projeta, ainda, um valor contrastivo e negativo, uma vez que a presença de *x* implica a negação implícita de *y*, configurando um jogo de polaridades discursivas. Essa dinâmica pode ser exemplificada em *não reconhecer seus erros* (*x*) em contraposição a *buscar uma justificativa* (*y*), em que o enunciador, ao negar uma ação ideal, reafirma discursivamente outra, menos desejável, para construir seu posicionamento argumentativo.

Na segunda construção substitutiva, *Ficam amarguradas / em vez de assumir e pedir desculpas pelo erro, encontramos* a oração com *em vez de* posposta à oração principal, indicando aquilo que não vai ocorrer. A oração principal, por sua vez, indicará o que de fato vai ocorrer: ficarem amarguradas. Os sujeitos das duas orações podem ser recuperados anaforicamente.

(3) O primeiro instituto impõe a o parlamentar, seja ele vereador, deputado estadual ou federal, o comparecimento, todo mês, ao seu distrito eleitoral para prestar contas de seus atos; e o recall permite aos eleitores realizar uma eleição apenas no seu distrito e substituí-lo por outro representante caso não esteja sendo fiel aos desígnios daqueles que o elegeram. # [Ao invés de fazer o absurdo de articular a volta à Câmara Municipal de um vereador exercendo funções executivas e de mexer os pauzinhos para garantir uma maioria de dez votos contra apenas três para impedir a abertura do processo de cassação dos dois vereadores envolvidos em falcatruas, / os senhores vereadores teriam ido consultar seus eleitores em seu distrito eleitoral para saber como proceder como seus legítimos representantes.] (<https://www.corpusdoportugues.org//.diariodepetropolis.com.br/in-tegra/gastao-reis-151672>)

Mais uma vez a adverbial de realce substitutiva, no exemplo (3), aparece na posição inicial: a cena aborda aquilo que de fato foi feito, mas que, à luz do enunciador, foi um ato insano, incorreto. Há marcadores de subjetividade que colaboram para esse tipo de análise, como, por exemplo, a palavra “absurdo” – a ocorrência mostra a corrupção/influência de políticos envolvidos em falcatruas. No lugar disso, a sentença seguinte evidencia, via substituição de ideias, passando pelo nível da eliminação, aquilo a que os vereadores na realidade deveriam se submeter. Uma resposta se pode pontuar

a partir desse exemplo, em relação à leitura de *frames*: toda a construção, entre colchetes, está inserida em uma mesma realidade, ou seja, do campo eleitoral, da vida política.

(4) Este aumento de um milhão de barris por dia que vai abranger a OPEP e 10 outros parceiros, incluindo a Rússia, não ficou mencionado no texto da organização, que tem uma reunião com os restantes parceiros este sábado. [*A partir de agora, a OPEP pede aos seus membros para considerarem os volumes de produção globais*], [*em vez de fixarem objectivos por país, abrindo caminho à relocação de quotas de um país para outro*]. Segundo a OPEP, os produtores que tenham meios para aumentar a produção devem acelerar as extracções para compensar os eventuais défices de outros países. (https://www.corpusdoportugues.org/jornaldeangola.sapo.ao/economia/opep8200reduz_os_cortes_na_producao_de_crude. Acesso em: 28/12/2020).

Em (4), uma ocorrência do português angolano, vê-se também integração destas orações, a principal e a hipotática posposta, contudo, com um movimento diferenciado nessa relação: a preposição na oração principal — *para* — seleciona o infinitivo pessoal, introduzindo uma objetiva indireta: aos seus membros para considerarem os volumes de produção globais. A oração introduzida por *em vez de* — em vez de fixarem objectivos por país, abrindo caminho à relocação de quotas de um país para outro — serve para negar o evento anterior e considerar o evento da oração principal como o que deve ser admitido. Além da posição, precisamos ressaltar que a substituição nesse dado ocorre via negação: os objetivos propostos não foram bem fixados na sociedade, tendo em vista o pedido de consideração dos volumes de produção global. Nesse caso podemos afirmar que o valor expresso pela hipotática é o de substituição via eliminação de ideias.

(5) "Vou fazer o quê com estes duzentos " questionaram, " essa galinha que o Presidente disse para comprarmos é para comermos um mês " afirmou a o Verdade uma experiente profissional de saúde. # " Fora a dívida, quero o meu dinheiro completo " gritaram os funcionários de a Manguêzi, uma empresa privada do sector de energia eléctrica, exibindo notas de 200 meticais e destacando-se de [*outros trabalhadores que / em vez de usarem o Dia para lutar por melhores condições/ limitaram-se a fazer publicidade da empresa ou a saudar o 1 de Maio ignorando que a camisete, boné e capulana que envergaram*], e o empregador pagou, custou tanto quanto o aumento que lhes será dado. (<https://www.corpusdoportugues.org/verdade.co.mz/tema-de-fundo/35-themadefundo/65642-fora-a-divida-quero-meu->

dinheiro-completo-respodem-trabalhadores-ao-aumento-salarial-em-mocambique. Acesso em: 28/12/2020.)

Na ocorrência (5), temos um caso típico de posição medial, já que a oração hipotática com *em vez de* — em vez de usarem o Dia para lutar por melhores condições — ocorre no meio da oração principal. []. A princípio pontua-se o que aparece no meio da oração principal – o fato de os trabalhadores reduzirem suas atividades à publicidade da empresa ou lembrarem da data comemorativa (1º de maio), mas ignorando as vestimentas que lhes couberam antes, como, por exemplo, a “capulana”, o famoso pano africano. Desse modo entendemos que não houve luta dos trabalhadores conforme previsto na oração *em vez de*, ocorreu perda de tempo em assuntos que não eram importantes. Mais uma vez é possível mencionar a substituição a partir de uma negação e eliminação de ideias.

(6) Mas ainda faltava o talento individual. # A vitória nasceu de fato em a etapa final após a entrada de Douglas Costa em o lugar de o apagado Willian. A Seleção voltou outra de o intervalo, mais insinuante e criando chance atrás de chance. [*Ao invés de apenas dominar, / o Brasil controlou o jogo*]. Como Tite gosta de dizer, a diferença é simples: dominar é ter a posse de bola. Controlar é criar chances, finalizar e não ser ameaçado.

<https://www.corpusdoportugues.org/globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/analise-na-vitoria-do-alivio-um-resultado-mais-psicologico-do-que-matematico.ghtml>

Como se pode notar em (6), a oração adverbial de realce aparece na anteposição, o que confirma a ideia de tópico-comentário, conforme DECAT (2001). O conector *ao invés de*, visto já como uma unidade, geralmente reforça o contraste que também se origina de uma leitura substitutiva, de um modo mais forte. Neste caso, porém, temos de um lado dominar (ter o domínio de algo), do outro controlar (exceder o controle de), semanticamente, de significações semelhantes. Esse tipo de avaliação emerge de uma leitura substitutiva, uma substituição diferente, porque há uma sucessão de eventos realizados: o time dominou e controlou o jogo. Na perspectiva do enunciador, dominar apenas poderia parecer não ser algo tão bom assim, mas dominar e controlar em conjunto sim. Com efeito a oração de realce na posição de tópico-comentário restringe o evento para apontar realmente para aquilo que interessa, que é dominar. Temos aqui o *frame* que remete a jogo de futebol.

Observemos abaixo o número de ocorrências dos conectores em variedades do português.

Tabela 1: As construções no Brasil, em Angola e em Moçambique.

PAÍS	EM VEZ DE	AO INVÉS DE
BRASIL	400	74
ANGOLA	51	6
MOÇAMBIQUE	10	2

Fonte: Horta (2021)

A tabela mostra um total 543 ocorrências de orações hipotáticas adverbiais com *em vez de* e com *ao invés de* nos três países. A preferência por *em vez de* é gritante. Essa diferença de uso diz respeito à frequência de ocorrência das construções, talvez por ser tal uso o mais antigo na língua.

Observemos a tabela que mostra a posição das orações hipotáticas substitutivas.

Tabela 2: A posição da oração adverbial substitutiva

EM VEZ DE	Anteposição	Intercalação	Posposição
Brasil	227	16	156
Angola	23	2	26
Moçambique	6	1	3
AO INVÉS DE	Anteposição	Intercalação	Posposição
Brasil	72	0	2
Angola	7	0	0
Moçambique	2	0	0

Fonte: Horta (2021)

A tabela acima revela, dentre todos os dados coletados, que a anteposição é a mais comum, seguida da posposição e, por último, da rara intercalação. De 543 ocorrências, entre Brasil, Angola e Moçambique, 256 construções com *em vez de* e 81 construções *ao invés de* assumem a posição anteposta. Já na posição posposta, são registradas 185 construções *em vez de* e 2 construções, apenas, com *ao invés de*. Esse último resultado é bem interessante, à medida que já se torna aparente uma diferença de *em vez de* em relação *ao invés de*, já que podemos considerar que as construções com *ao invés de* em todos os países investigados preferem a anteposição à posposição.

7 Considerações finais

A rede substitutiva se realiza com as construções com *em vez de* e *ao invés de*, em dados do português brasileiro, angolano e moçambicano (Horta (2021)). Pode-se observar principalmente, no segundo tipo, a realização de um contraste na substituição, o que representa peculiaridades que vão depender não só da articulação entre oração, mas também do contexto linguístico. Além da dimensão semântica evidenciada pelas cláusulas de realce, soma-se a posição da oração hipotática em relação a sua oração principal (posições anteposta, intercalada e posposta), sendo muito recorrente a anteposição que serve para refletir a posição de tópico sentencial, indicando o domínio de referência sobre o qual será colocado um comentário em seguida. As orações com *ao invés de* são mais recorrentes na anteposição e apresentam um maior número de ocorrências com valor contrastivo.

Os conectores apresentam uma reanálise da sua origem, que é constituída de preposições e do nome *vez* (Horta (2021)). Não são mais percebidas as partes de cada componente, mas o todo que reflete a ideia de substituição, um *chunk*, embora possa se identificar que as referidas preposições interferem diretamente na interpretação global da construção, sendo o seu uso na língua diferenciado. Quanto ao uso de frames no uso das construções substitutivas, é necessário que haja mais investigação quanto ao tema.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan L. **Língua, Uso e Cognição. Tradução:** Angélica Rodrigues. São Paulo. Cortez Editora. 2016.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro-** 1. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective.** Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca, BITTENCOURT, Vanda de Oliveira & LIBERATO, Yara Goulart. **Aspectos da gramática do português:** uma abordagem funcionalista. Campinas, SP: Mercado de Letras (Coleção Ideias sobre Linguagem), 2001.

- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação**. Veredas atemática, 2014.
- DIAS, Nilza Barrozo; RAMOS ARAÚJO, Jocineia Andrade; PACHECO, Priscilla Hoelz. Construções contrastivas acontece que e logo eu. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 297-316, 2020.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Great Britain. Cambridge University Press. 1993.
- HORTA, Leandro Freitas da. **Construções em vez de e ao invés de: níveis de substituição**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- LANGACKER, Ronald W. Foundations of cognitive grammar, vol. 1: **Theoretical prerequisites**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do e NOVO, Idrissa Ribeiro. Análise funcional dos conectores *em vez de* e *ao invés de* no português brasileiro contemporâneo. Organizadores da edição: Diogo Pinheiro e Karen Alonso. UFRJ, **Revista Linguística**. Volume 14, n. 1 de jan-abr de 2018.
- THOMPSON, S.A; LONGACRE, ROBERT; HWANG, SHIN JA J. Adverbial clauses. In Timothy Shopen, ed., **Language Typology and Syntactic Description**, Second edition. Cambridge: Cambridge University Press. 2007, pp. 237-300.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE OS AUTORES

Leandro Freitas da Horta é doutorando e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. É licenciado em Letras – Português (UFF) e possui segunda licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade Veiga Almeida (UVA). Atua como professor e pesquisador nas áreas de sintaxe, discurso, ensino de língua portuguesa, PLE e produção textual. Trabalha como revisor crítico e gramatical na Editora Emó e como autor e elaborador de material didático para o Sistema Poliedro, com foco em redação para concursos militares, especialmente AFA e IME. É autor dos livros *Texto de cria: manual de redação afrocentrado* e *Amor subversivo*. Integra o projeto PorUs – Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso.

Nilza Barrozo Dias é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e título de mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense de Niterói. Fez Pós-Doutorado na Universidade Católica Portuguesa, em Braga, Portugal. É, atualmente, Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, atuando no ensino de Graduação e de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente em: Funcionalismo; Linguística Baseada no Uso; Semântica Cognitiva e Sociolinguística Interacional versus gramática de base funcionalista. Possui inúmeros trabalhos publicados na área.